

O primeiro número de 2023 de **Geograficidade** apresenta a seus leitores e a suas leitoras sete artigos, uma resenha, uma experimentação e uma tradução.

O volume começa com o artigo de Benhur Pinós da **Costa**, “Relações entre corpos e microterritorialidades: para além das restrições da identidade e da cultura e a defesa da produção de múltiplas singularidades”, no qual o autor reverbera suas pesquisas em torno do conceito de microterritorialidade a partir de pesquisa realizada no Rio de Janeiro, defendendo uma perspectiva da identidade a partir da diferença, como devires múltiplos no confronto com conformações coletivas e estruturantes da cultura e da identidade.

A seguir, Iara Euzane de Oliveira **Pereira**, Rodrigo Corrêa **Teixeira** e Luiz Eduardo Panisset **Travassos**, em “Territorialidade sagrada no espaço rural, os desafios da permanência: a festa da Lapinha na comunidade rural Bagres, Minas Gerais”, mobiliza um estudo de caso no qual as tradições religiosas de comunidades rurais na modernidade são delineadas no contraste com os conflitos e as relações entre sagrado e profano no espaço festivo, tendo em vista os diferentes usos da gruta Lapinha.

Já Alex Ander de Souza **Orengo** e Sylvio Fausto **Gil Filho**, trazem o debate da Geografia da Religião no contexto das práticas maçônicas, em “O templo maçônico, ferramenta de ensino espacial: ponderações sobre como o templo maçônico serve de instrumento de ensino aos maçons através de uma abordagem em Cassirer”. O artigo argumenta que a espacialidade do templo, como forma simbólica, apresenta uma pedagogia própria, contribuindo não apenas para a experiência do sagrado, mas, enquanto espacialidade, para a própria formação maçônica, como pedagogia.

“Estética, cidade e partilha do sensível no contexto do desenvolvimento territorial”, de Marcela Cristina **Bettega** e Manoel Flores **Lesama** e Ernesto Jacob **Keim**, propõe articular a perspectiva de Rancière a respeito da partilha do sensível com as proposições lefebvrianas do direito à cidade, buscando incorporar aspectos estéticos à discussão do desenvolvimento e da análise territorial.

O artigo de Gustavo Palma de Andrade **Santos** e Wenceslao Machado de **Oliveira Jr.**, “Uma espiral feminina: mulheres migrantes no território e no cinema brasileiros”, também transita pelas proposições das filosofias da diferença, discutindo quatro filmes brasileiros a partir do conceito de lugar de Doreen Massey, trazendo a migração como possibilidade de libertação da mulher em relação aos papéis da normatividade social. Os filmes apresentam, segundo os autores, uma outra leitura do papel da mulher no próprio processo migratório, para além da figura da “dependente acompanhante”.

Em “Regionalidades dos temperos e sabores na culinária do Chambarí em Araguaína, Tocantins”, Eliseu Pereira de Brito e João Antonio Lima Soares, mostram como a culinária do Chambarí araguainense é expressão das regionalidades, articulando as origens dos temperos a partir de pesquisa com cozinheiros e consumidores. O artigo apresenta as diversas influências e identidades culturais envolvidas no tradicional prato, expressas pelo sabor.

Por fim, Antonio Jarbas Barros de Moraes apresenta, em “A geografia em atos dardelianos”, uma leitura da fenomenologia de Eric Dardel, abrindo possibilidades de leitura contemporâneas e outras potencialidades da clássica obra do geógrafo e historiador francês.

Na seção “Notas e Resenhas”, apresentamos a resenha do livro “Devaneios do caminhante solitário” de Jean-Jacques Rousseau, assinada por Daíza de Carvalho Lacerda. O livro clássico do filósofo francês foi traduzido por Jacira de Freitas e por Claudio A. Reis e publicado pela Editora da UNESP, em 2022. Já na seção “Experimentações”, temos o belo ensaio “Mãos: geografando histórias e tecendo memórias”, de Marlúcia Inácia de Paiva Póvoa e William Ferreira da Silva, um convite à gestualidade geográfica das lembranças pelos fazeres.

O número se encerra com a tradução de um dos autores mais emblemáticos da Geografia Humanista francófona: Bertrand Lévy. “A impressão e a decifração: Geopoética e Geografia Humanista” articula os estudos inspirados em Kenneth White com a tradição humanista em Geografia, um caminho que tem aparecido com maior frequência nos últimos anos no Brasil. A tradução é assinada por Alessandro Dozena e Raimundo Freitas Aragão, do original em francês “L’empreinte et le déchiffrement: géopoétique et géographie humaniste”, publicado na revista “Cahiers de Géopoétique”, vol. 1, Série Colloques, p. 27-35, 1992. Agradecemos aos editores da revista e ao autor pela autorização da publicação dessa tradução. Dozena, nosso Editor de Traduções, assina a apresentação do autor.

Esperamos que esse número possa contribuir para as pesquisas e as reflexões de nossas leitoras e leitores. Agradecemos o contínuo apoio a nosso trabalho e a compreensão pelos percalços que envolvem manter uma publicação como **Geograficidade!**

*Eduardo Marandola Jr.*  
*Editor-Chefe*